



SENTIMENTO ÓRFICO: O NUTRIENTE DA UTOPIA ANTROPOFÁGICA

Gabriel Moreira Faulhaber¹

*Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Departamento de Letras,
Juiz de Fora, MG, Brasil.*

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a relação existente entre os conceitos de sentimento órfico e Antropofagia, ambos desenvolvidos por Oswald de Andrade. Pretendemos apontar o primeiro deles como uma condição fundamental para a existência do segundo. Ao longo do texto, mostramos as características do sentimento órfico que servem de terreno fértil para que a Antropofagia e parte do pensamento oswaldiano possam se desenvolver. Para isso, primeiramente, fazemos uma exposição acerca de sentimento órfico, traçando suas principais características. Em seguida, inserimos a Antropofagia na discussão, procurando entender como se dá o diálogo entre essas duas questões. Por fim, buscamos assinalar a utopia antropofágica como o grande fruto dessa relação.

Palavras-Chave: Antropofagia; Sentimento Órfico; Utopia; Oswald de Andrade; ócio.

ORPHIC FEELING: THE NOURISHMENT OF THE ANTHROPOPHAGIC UTOPIA

Abstract: The aim of this work is to present the relationship between the concepts of orphan feeling and Anthropophagy, both developed by Oswald de Andrade. We intend to point out the first of them as a fundamental condition for the existence of the second. Throughout the text, we show the characteristics of the orphan feeling that serve as fertile ground for Anthropophagy and part of Oswaldian thinking to develop. For that, first, we make an exhibition about orphic feeling, tracing its main characteristics. Then, we included Anthropophagy in the discussion, trying to understand how the dialogue takes place between these two issues. Finally, we seek to point out the anthropophagic utopia as the great fruit of this relationship.

Keywords: Anthropophagy; Orphic feeling; Utopia; Oswald de Andrade; Idleness.

SENTIMIENTO ÓRFICO: EL ALIMENTO DE LA UTOPIA ANTROPOFÁGICA

¹ Doutor em Letras, Estudos Literários, pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). E-mail: gabrielblake@hotmail.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7779-1256>



Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar la relación entre los conceptos de sentimiento órfico y antropofagia, ambos desarrollados por Oswald de Andrade. Pretendemos señalar el primero de ellos como condición fundamental para la existencia del segundo. A lo largo del texto, mostramos las características del sentimiento órfico que sirven de terreno fértil para que se desarrolle la Antropofagia y parte del pensamiento oswaldiano. Para ello, en primer lugar, hacemos una exposición sobre el sentimiento órfico, rastreando sus principales características. Luego, insertamos la Antropofagia en la discusión, tratando de comprender cómo se produce el diálogo entre estos dos temas. Finalmente, buscamos señalar la utopía antropofágica como el gran fruto de esta relación.

Palabras-clave: Antropofagia; Sentimiento Órfico; Utopía; Oswald de Andrade; Ociosidad.

SENTIMENT ORPHIQUE: LA NOURRITURE DE L'UTOPIE ANTHROPOPHAGIQUE

Résumé: L'objectif de ce travail est de présenter la relation entre les concepts de sentiment orphique et d'anthropophagie, tous deux développés par Oswald de Andrade. Nous entendons signaler la première d'entre elles comme condition fondamentale de l'existence de la seconde. Tout au long du texte, nous montrons les caractéristiques du sentiment orphique qui servent de terrain fertile à l'anthropophagie et à une partie de la pensée oswaldienne pour se développer. Pour cela, nous faisons d'abord un exposé sur le sentiment orphique, en retraçant ses principales caractéristiques. Ensuite, nous insérons l'Anthropophagie dans la discussion, en essayant de comprendre comment se fait le dialogue entre ces deux questions. Enfin, nous cherchons à signaler l'utopie anthropophage comme le grand fruit de cette relation.

Mots-clés: Anthropophagie; Sentiment Orphique; Utopie; Oswald de Andrade; Oisiveté.

INTRODUÇÃO

Estudar a obra de Oswald de Andrade sempre será uma tarefa instigante. Há todo um legado deixado pelo autor que, até os dias de hoje, se configura como de importância fundamental para compreensão tanto de nossas produções artísticas como de nossas organizações sociais.

No presente texto, buscamos apresentar um tópico pouco trabalhado pela crítica. Trata-se de um conceito elaborado pelo autor na parte final de sua vida, durante a década de 1950, e que aparece de maneira mais evidente em seu livro de memórias e nos textos em que se dedica à reavaliação e reafirmação da Antropofagia — o sentimento órfico.



Oswald de Andrade investe no desenvolvimento de um conceito de grande importância para a elaboração de seu pensamento. Nesse sentido, nosso intuito é o de expor a noção de sentimento órfico, que se encontra dispersa ao longo de alguns escritos oswaldianos, de maneira a apontar a forma como ela se configura e quais seriam suas implicações para a chamada utopia antropofágica.

Para isso, entre outros, percorremos textos-chave produzidos pelo autor como “A crise da filosofia messiânica”; “A marcha das utopias” e “Um homem sem profissão”. A ideia é atravessar parte da produção de Oswald de Andrade e encontrar um fio, um aspecto recorrente, que a sustente e a impulsiona.

AS ORIGENS DO ORFISMO

Como o próprio nome diz, o sentimento órfico tem relação direta com o mito de Orfeu. Nele vemos a história de um habilidoso músico, aprendiz de Apolo, que, com sua arte, era capaz de encantar desde a natureza mais dócil aos homens mais irracionais. Consta que Orfeu foi um dos integrantes das expedições dos argonautas, quando, com sua lira, acalmava as ondas agitadas do mar, se sobrepunha ao canto hipnótico das sereias e amansava as feras mais selvagens. Tudo corria bem até Eurídice, sua amada, morrer picada por uma serpente. Em vão, ele tenta salvá-la do Hades, o mundo dos mortos, e passa o resto da vida desolado até morrer esquartejado pelas Ménades. Em torno de sua figura, teria se organizado o orfismo “uma religião de mistérios do mundo antigo, que preconizava a origem divina da alma e a reencarnação” (COSTA, 2013, p. 76). O orfismo também apresenta uma acepção mais estética. É o nome com o qual Apolinaire batiza o grupo de pintores cubistas que se contrapunham aos aspectos mais intelectuais e racionais do movimento, acrescentando mais lirismo em seus quadros.

O ORFISMO DE OSWALD DE ANDRADE

Como já antecipamos Oswald de Andrade não define sentimento órfico de maneira direta. De modo semelhante ao que acontece com boa parte de seu pensamento, a formulação desse conceito aparece espalhada pelos seus textos — em retornos e revisitas — sendo necessário um recolhimento dessas partes para uma melhor



compreensão. Nesse sentido, buscamos aqui nos atermos em grande parte a produções do próprio autor na tentativa de conferirmos uma unidade ao conceito em questão.

No entender de nosso autor, existe uma dimensão da humanidade da qual ninguém escapa não havendo povo civilizado ou grupo de primitivos que não a manifeste. Oswald aponta o homem como “um animal deficitário, desprovido de qualquer recurso de defesa e ataque que possuem os outros a fim de subexistir” (ANDRADE, 1992b, p. 279). Desse modo, é a partir da noção de abandono, fragilidade e da tomada de consciência de tal deficiência que o sentimento órfico vem a se manifestar — na maioria das vezes, por meio das religiões, com seus ritos, seus mitos e seus cultos. “O sentimento órfico é o subterrâneo alimento onde vicejam essas ardentes necessidades irracionais” (ANDRADE, 1992a, p. 290). O que se percebe é que através dessa condição, o homem busca mediar sua convivência com incompreensível.

Ele [sentimento órfico] dá bases às construções simbólicas que medeiam nossa convivência com o incompreensível são os medos e as esperanças que alimentam nossas crenças, ou, ainda, uma espécie de ‘religião natural’ ou ‘vontade de crer’ (COSTA, 2013, p. 76).

Dentro dessa ideia, a evolução da humanidade precisaria de tal dimensão, uma vez que a noção da própria vulnerabilidade que funcionaria como uma espécie de estímulo para o homem escapar das adversidades. Oswald nos diz:

Daí provenha talvez todo o desenvolvimento excepcional de seu cérebro, e, por conseguinte, toda sua técnica de comunicação, falar, escrever, criar a roda e a vela, quanto sua técnica de recuperação mental e psíquica que contém religiões, mitologias, céus, infernos, apocalipses e messianismo (ANDRADE, 1992a, p. 279).

Aqui é sempre bom reiterar que nosso autor não entende essa característica da humanidade como uma prova a favor de nenhuma crença específica. Nesse sentido, podemos tanto ter a busca pela transcendência dos perigos do mundo — através de promessas salvacionistas e messiânicas — quanto a instituição da imanência do perigo. Ambas são baseadas na consciência da mortalidade. É aí que nosso autor vai cravar sua Antropofagia.

Compreende-se que é dele — desse sentimento do sagrado que habita o homem — que se extrai a concepção da vida como devoração e da constante percepção da morte. André Monteiro escreve: “Antropofagia, como prática, como ética, é um convite



para saltar, para correr riscos, tirar o menino da cruz, viver o medo (não morrer de medo) dos abismos” (MONTEIRO, 2010, p. 119). Percebemos que se trata de um modo de ser/agir dotado de uma maleabilidade que liberta as forças de criação e exploração de novos territórios de existência abertos a estranhamentos e distantes de qualquer sistema de referência que traz consigo o engessamento. Assim, ao contrário do que se pensa, “a ideia da vida como devoração está envolvida com percepção da morte, continuamente convertida em vida” (BORGES, 2006, p. 130). A esse respeito, em “Um homem sem profissão”, Oswald escreve:

Nas noites quietas, meus pais deitavam-se cedo. Eu procurava, sentado à mesa de jantar, ensaiar num caderno a minha nascente literatura sem motivos. Nesse momento, rompia para os lados da Consolação uma música de banda. Era a sociedade filarmônica Ettore Fieramosca que ensaiava. Em geral, tocavam uma marcha fúnebre. Nessa época era comum verem-se os enterros feitos a pé, acompanhados de fanfarra.

Eu parava comovido, estudando aquele Chopin de banda. E pensava no futuro e na orfandade (ANDRADE, 2002, p. 57).

Portanto, reafirmamos que essa visão de mundo parte da tomada de consciência da fragilidade humana, de sua deficiência, que se transforma em potência, quando mobilizada por ações afirmativas. Temos um processo de absorção e conversão, mediante a aceitação e reconhecimento de um desafio que mira uma constante renovação da vida.

O temor do próximo passo é o temor da queda, continuamente convertida no passo seguinte. Essa condição básica da natureza bípede do corpo humano tem relação com a consciência da vida como devoração, já que o próximo passo leva ao momento seguinte e ao próximo lugar: ao imprevisível (BORGES, 2006, p. 130).

Em suas memórias, Oswald parece buscar demonstrar a especificidade de seu sentimento órfico, pois, mesmo imerso em um ambiente marcado pelo catolicismo, sua vontade de crer destoa daquela praticada por sua família.

A quantidade e a qualidade do órfico católico que me ofereceram foram fracas e sobretudo mal escudadas pela apologética cristã e sua absurda e hipócrita moral. Desde cedo, me entrou pelos olhos a incapacidade de transformação do homem pelo cristianismo ou de sua ação regeneradora. O número de rezadores pecaminosos e padres sujos era demasiado para poder iludir mesmo minha desprevenida adolescência. Aliás, os sacrifícios exigidos por mamãe, a abstinência da carne, terços inteiros rezados de joelho, guardas chatíssimas do



Santíssimo, tudo acrescentava à antipatia por aquele culto cheio de sermões horrorosos, missas maçantes e confissões paliativas (ANDRADE, 2002, p. 86).

O que atravessa seus textos não só está distante como vai na contramão das raízes metafísicas comuns à religião e a filosofia da tradição ocidental. Temos a formulação de um sentimento que tem ligação direta com uma concepção trágica da vida, como vemos em “Ainda o Matriarcado”: “o homem flutua e flutuará, sempre enquanto for homem, nas dobras da dúvida, no mistério da fé e no imperativo da descrença, no abismo órfico que o acompanha do berço ao túmulo” (ANDRADE, 2011c, p. 309). É uma dimensão que o homem da cultura antropofágica assume para si ao afirmar dionisiacamente a vida transformando todos os tabus em totens. Oswald faz uso de parte de sua rememoração na tentativa de dar forma a um conceito que atravessa outros de seus textos. Talvez a passagem que melhor nos dê a dimensão dessa busca por uma formulação seja a que relata o momento em que recebe a notícia da morte de sua mãe.

Estava eu, de novo, diante do velho oratório doméstico, com suas fulgurações de prata e cabelos dum Cristo de paixão, entre imagens de santos de todos os tamanhos. E sentia, desta vez, que aquela era uma célula de paixão vazia de significação e muito pouco digna de respeito. Por trás do oratório não existia mais nada. A parede, em vez do céu prometido. Nenhuma ligação metafísica unia aquelas figurações baratas a um império supraterrâneo. Nada, nada, nada. Não tinha chegado eu às convicções que hoje mantenho, como conquista espiritual da Antropofagia, de que Deus existe como adversário do homem, ideia que encontrei formulada em dois escritores que considero ambos teólogos — Kirkegaard e Proudhon. São dois estudiosos da adversidade metafísica que se avizinham da formulação do conceito primitivo sobre Deus, que é afinal o tabu, o limite, o contra, que as religiões todas tentam aplacar com seus ritos e sacrifícios (ANDRADE, 2002, p.119).

Chegamos talvez ao cerne dessa busca por uma formulação: a relação direta entre seu sentimento órfico e a Antropofagia. Quando vemos em “A crise da filosofia messiânica” a afirmação: “a vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite?” (ANDRADE, 2011a, p.139), nossa compreensão da força de tal relação fica mais clara. A partir disso, entendemos que leitura do próprio sentimento órfico que Oswald tenta elaborar nada tem a ver com uma metafísica salvacionista de um socorro supraterrâneo e toda sua concepção de mundo eterno frente à inevitabilidade da morte, pautada em uma lógica messiânica da recompensa e do castigo. Fica evidente



o que seria o embate entre existência humana e sua transcendia. Eis o que encontramos em “A marcha das utopias”:

não se encontra, já disse, nem um aglomerado primitivo, nem um povo civilizado destituído de religião. Isso, está claro, não vem provar nada a favor deste ou daquele culto. O que persiste no fundo é o sentimento de sagrado que se oculta no homem, preso ao instinto da vida e ao medo da morte (ANDRADE, 2011b, p. 255).

Vemos, portanto, que se trata de uma recusa de que a ideia é superior aos sentidos, de uma assunção de que a vida é devoração pura, de um “sim” diante dos perigos dela derivados.

O engano do homem é esquematizar sua própria natureza e criar necessariamente um conflito entre o que ele é (natureza) e o que deseja ser (esquema idealista da própria natureza). Os maiores erros, portanto, que se processam no correr da vida resultam desse conflito entre o que ela de fato é e o que quer ser (ANDRADE, 1992b, p. 276).

O que temos é um reencontro com “nossa eterna irracionalidade” (ANDRADE, 2011b, p. 254), um difuso sentimento que “não implica em nenhuma separação, nenhuma sacralização” (STERZI, 2011, p. 447). Tudo isso corresponde à volta da filosofia ao medo ancestral da finitude.

A angústia de Kierkegaard, o cuidado de Heidegger, o sentimento de naufrágio tanto em Mallarmé como em Karl Jaspers, o “Nada” em Sartre, não são senão sinais da volta da Filosofia ao medo ancestral ante a vida que é devoração. Trata-se da concepção Matriarcal do mundo sem Deus (ANDRADE, 2011e, p. 219).

Para além do já citado caráter trágico, podemos chegar, contando também com o auxílio de “A crise da filosofia messiânica”, a uma conclusão de que se trata de uma consciência lúdica, distante de qualquer marca de negação da vida e em prol de todo fazer artístico inovador que exercite o direito da possibilidade.

O homem, um animal fideísta, animal que crê e obedece, chegou ao termo de seu estado de Negatividade. [...] O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos — o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, e teatro, o circo e, enfim, o cinema. [...] A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgirá sempre



porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica (ANDRADE, 2011a, p. 201-202).

Toda essa questão da concepção trágica e lúdica da vida vai sustentar a formulação da utopia antropofágica. Sabemos que Oswald de Andrade em “A crise da filosofia messiânica” traça todo um processo que vai de um Matriarcado primitivo ao Patriarcado, para depois, em um movimento dialético, superar esse último, numa síntese, por meio de um retorno diferente e renovado das estruturas matriarcais que têm como função reintegrar, no interior de uma sociedade industrial tecnizada, suas potências primitivas. Desse modo, nosso autor delinea a história do mundo entre essas duas instâncias, com uma cultura antropofágica (o Matriarcado primitivo e o renovado) e uma cultura messiânica (o Patriarcado), correspondendo a cada um desses momentos. Esse pensamento oswaldiano une passado místico e futuro utópico sem perder de vista o progresso histórico. Temos mito e utopia unidos através da técnica para reconquistar a unidade social de vida primitiva do Matriarcado. Oswald procura pensar na técnica, na máquina, como um elemento importante da nossa realidade em mudança.

Através do progresso criaria-se a condição para o retorno ao matriarcado, numa síntese entre o homem natural e o civilizado. A visão histórica de oswaldiana nutria-se da história como eterno retorno. Contra o conceito futurista, no qual o destino da técnica era a ocupação do futuro; em Oswald, tratava-se de criar condições materiais para retornar à idade de ouro de uma sociedade sem a autoridade da lei, sem a violência da guerra, sem o totalitarismo monoteísta. A ideia de uma idade de ouro localizada em passado pré-cabralino estava explícita no manifesto de 28, todo estruturado em uma tensão entre o “antes” (da chegada do português) e o agora (o Brasil colonizado) (SILVA, 2009, p. 125).

Desse modo, a sociedade que advirá desse processo é ao mesmo tempo muito nova e muito velha. Muito nova, pois viria substituir as instituições patriarcais com suas normas sociais até então dominantes. Muito velha, porque, graças ao auxílio das máquinas, que se põem a funcionar sozinhas, poupando a força do trabalho, o homem pode voltar ao estado anterior lúdico, festivo e recreativo.

O autor vai identificar nas utopias surgidas no século XVI o prenúncio da Antropofagia. Benedito Nunes afirma: “Oswald, que escolheu o Matriarcado, não podia tratar da marcha das utopias sem que seu pensamento fizesse utópico para acompanhá-la” (NUNES, 1979, p.77). É o próprio autor-pensador-ensaísta-poeta que diz:



E, encerrando, nada mais tenho a dizer senão que também trago a minha Utopia, de caráter social. Por que não se organizar o mundo numa política de dois tetos? Ninguém terá mais do que tanto. Ninguém menos do que tanto. No intervalo o homem poderá subir ou descer como quer a sua ambiciosa natureza (ANDRADE, 2011b, p. 288).

Na leitura de Oswald, a Utopia não se configura apenas como sonho, mas também como protesto e, como tal, ao contrário da ideologia, que procura manter a ordem estabelecida, busca sempre ser subversiva, atuando pelo rompimento com a ordem vigente, fazendo marchar para frente a própria sociedade. “A Utopia é sempre um sinal de inconformação e um prenúncio de revolta” (ANDRADE, 2011b, p. 291). Há, portanto, uma clara oposição entre utopia e a ideologia normalizadora das classes dominantes. Trata-se de um pensamento que não se conforma com a manutenção das classes sociais, um gesto político em que se coloca em confronto uma cultura da servidão com uma cultura da liberdade.

Oswald aponta para a existência de um ciclo de utopias que durou do século XVI até a metade do século XIX. Para o autor, a descoberta do Novo Mundo, com seu homem nu e primitivo, serve como gatilho para os pensamentos presentes nesse ciclo.

Torna-se necessário constatar aqui que a literatura coeva dos descobrimentos foi a onda otimista que deu as utopias. Que outra base teriam essas promessas de humanidade feliz, sem peias, explorações, senão a difundida documentação de Vespúcio? Foi tão importante a atuação do intelectual, do geógrafo, do viajante, que o novo continente se chamou América e não Colômbia.

Pode-se datar de Vespúcio o novo ciclo histórico que abria para humanidade (ANDRADE, 1992b, p. 253).

Ao longo de seu texto não faltam exemplos que reforçam tal pensamento. “As Utopias foram as caravelas ideológicas desse novo achado — o homem como é, simples e natural” (ANDRADE, 2011b, p. 278). Oswald ainda afirma:

A não ser A República de Platão, que é um estado inventado, todas as Utopias que vinte séculos depois apontam no horizonte do mundo moderno e profundamente o impressionam são geradas da descoberta da América. O Brasil não faz má figura nas conquistas sociais do Renascimento (ANDRADE, 2011b, p. 226).

A partir do descobrimento, a diferença entre a civilização europeia e o mundo que então se exibía aos olhos se mostra gritante.



Do outro lado da terra — que era redonda e não chata e parada, com céu em cima e inferno embaixo — havia gente e gente que escapava por completo ao esquema valetudinário da Idade Média, o qual fazia desta vida um simples trânsito (ANDRADE, 2011b, p. 277- 278).

Encontrava-se, desse modo, uma mentalidade pré-lógica, onde ainda era permitido andar nu e viver feliz. Ou seja, algo distante da lógica, que criara a disciplina e a ciência, justificadora de todos os privilégios, racismos e imperialismos, que “de Aristóteles a Descartes pusera de pé mais que o homo faber, o mundo faber” (ANDRADE, 2011b, p. 278).

Desde esse encontro, passa a fazer parte da imaginação daquela época a grande questão do homem natural, sem culpa de origem e sem necessidade de redenção ou castigo. Sempre interessante deixar claro que a simplicidade e a naturalidade atribuídas a esse homem não da ordem de uma essência, mas de um modo negativo como ausência de normas de conduta. Fica, então, a ideia do primitivo com sua teimosa vocação de felicidade em oposição a uma terra e uma prática marcada pela sudez e aridez. É a partir desse homem primitivo, conservado puro, que temos uma convulsão de consequências para as ideias da época. “Seria como, se nos nossos dias surgisse na Terra, um grupo de habitantes de Marte” (ANDRADE, 1992b, p. 251).

Oswald coloca no centro de “A marcha das Utopias” o Humanismo, fazendo um certo contraponto com o Renascimento “O humanismo produzia não especulações aladas e perfeitas, mas sim, obras humanas de fazer chorar as pedras” (ANDRADE, 2011b, p. 253). Em seu entender, ao contrário do Renascimento, que olha para trás, para o passado, e dele produz suas orientações, o Humanismo se vira para o futuro e nele aponta suas utopias. “Há uma guerra evidente de posições entre Renascimento e o Humanismo. Não é possível atribuir-lhes o mesmo sentido” (ANDRADE, 2011b, p. 258). Nesse caso, é o Humanismo que dirige para as terras descobertas a esperança de uma vida melhor neste mundo. “A humana aventura. A terrena felicidade” (ANDRADE, 2011e, p. 73). O que encontramos é uma crença na libertação de toda espécie de coação social e de opressão política que impedem o homem de atingir seu destino. Ou seja, o susto amável e persuasivo que foi o achado de um homem sem pecado, sem teologia, sem redenção e sem inferno possibilitou um abalo na consciência e na cultura da época, gerando uma reflexão sobre possíveis novas formas de organização social.



Neste sentido, o encontro da América, do novo homem é visto nas utopias como o próprio encontro, aqui e agora, da terra prometida, tornando-se dinamizador da esperança de encontrar na vida humana algo fecundo em si mesmo (HELENA, 1985, p. 196).

Oswald aponta que todo Humanismo seria como uma grande revanche do homem humano sobre as concepções do homem angélico, que haviam dominado a Idade Média. O Humanismo traria de volta o homem que se perdera nas roupagens daquele momento em uma espécie de retorno a si mesmo, libertado da fé medieval e seu caráter de adestramento. Temos uma criatura desligada do Criador que retoma pé na terra tanto de suas misérias quanto de seus entusiasmos.

A Renascença modela e disciplina grandes assuntos. Sempre o seu triunfo técnico se sobrepõe ao tema, a inspiração e ao sentimento. Enquanto isso, o Humanismo da o estofado das Utopias futuras. Ele cria o Direito Natural. [...] E hoje, mais do que nunca, é no Humanismo e na sua tradição revolucionária que se fundamenta a conquista de uma vida melhor para todos os povos (ANDRADE, 2011b, p. 261).

Outro ponto destacado por nosso autor em “A marcha das utopias” é a reavaliação da ação dos jesuítas em terras brasileiras. Oswald revela a especificidade da atuação do grupo no país.

É exatamente o que penso. E minha fé no Brasil vem da configuração social que ele tomou, modelado pela civilização jesuítica em face do calvinismo áspero e mecânico que produziu o capitalismo da América do Norte (ANDRADE, 2011b, p. 226).

O que encontramos é a contraposição entre Reforma e Contrarreforma. De um lado, teríamos uma concepção de mundo baseada no utilitarismo, da poupança e do negócio, dotada de uma inflexibilidade ética, favorável ao individualismo e propícia à acumulação de bens. Por sua vez, a Contrarreforma apresenta os traços políticos e sociais de uma vida comunitária capaz de propagar paralelamente política, religião e utopia. Oswald entende que os jesuítas, representantes da Contrarreforma, teriam assimilado determinadas características dos árabes, formulando uma cultura de larga visão, dotada de uma plasticidade política, exogâmica, aberta para aventuras e para miscigenação, “que infelizmente foi cortada pela incompreensão romanista quando estava levando aos limites pagão dos ritos malabares seu afã de ecletismo e



comunicação religiosa” (ANDRADE, 2011b, p. 231). Em seu entender, os árabes empreenderam uma grande excursão fertilizando por todos os caminhos em que passaram — seja na terra, seja no mar — sua visão de mundo.

Os jesuítas teriam dado continuidade à tradição de exogenia e de miscigenação que Oswald opunha àquela representada pelos judeus, baseadas em práticas endógenas e cujo corolário era a noção de povo eleito, incorporada pela Reforma e que modelou a América do Norte (DOMINGUES, 2010, p. 89-90).

É importante destacar que Oswald esclarece que essa visão positiva acerca da Contrarreforma e da ação jesuíta não implica nenhum compromisso religioso ou ideológico. Em suas palavras:

é preciso, porém, desde logo compreender quão larga deve ser essa concepção em que coloco como signo e bandeira a Contrarreforma. Quando exalto os jesuítas de modo algum assumo para com eles sentimento religioso ou ideológico (ANDRADE, 2011b, p. 227).

Dentro desse aspecto há uma procura por compreender e louvar nossa herança sob uma perspectiva antropofágica.

Quando falo em Contrarreforma, o que eu quero é criar uma oposição imediata e firme ao conceito árido e desumano trazido pela Reforma e que teve como área cultural particularmente a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos da América. Ao contrário, nós brasileiros, campeões da miscigenação tanto na raça como na cultura somos a Contrarreforma, mesmo sem Deus ou culto. Somos a Utopia realizada, bem ou mal, em face do utilitarismo mercenário e mecânico do Norte. Somos a Caravela que ancorou no paraíso ou na desgraça da selva, somos a Bandeira estacada na fazenda. O que precisamos é nos identificar e consolidar nossos perdidos contornos psíquicos, morais e históricos (ANDRADE, 2011b, p. 228).

O grande exemplo dado, nesse sentido, é a nossa vitória na chamada Guerra Holandesa, quando foram colocadas frente a frente as duas concepções de mundo trabalhadas. Na visão do autor, em tal guerra, o Brasil híbrido e mulato, composto por raças matriarcais, que não estariam distantes das concepções libertárias do Humanismo, vence a tentativa de conquista flamenga, calcada no conceito utilitário e comerciante que visa acima de tudo o lucro e a ascensão da burguesia. Era o triunfo do ócio face ao negócio. De um entendimento lúdico e recreativo de mundo sobre uma visão fria e objetiva da vida, em que os holandeses, severos e estruturados na religião reformada,



“vieram, no Brasil, tomar uma tunda tremenda de negros, mulatos, cafuzos e degradados” (ANDRADE, 2011b, p. 276). O autor afirma:

Na Guerra Holandesa, vencemos uma gente estranha que, sob o comando e com superioridade de armas, queria impor-nos uma língua estranha e um culto estranho. Nela se prefiguram os limites do nosso destino (ANDRADE, 2011b, p. 223).

Como já a apontamos anteriormente, o intuito de Oswald ao desenvolver seu texto, é situar sua própria utopia no seio de outras utopias, lendo e interpretando nosso passado, buscando aquilo que ele tem de afirmativo com o devoramento e digestão de sua história, pensando o Brasil como uma possibilidade, como um Brasil a se fazer — a utopia de Pindorama. O que vemos é um resgate de resíduos dispersos em nosso substrato cultural numa tentativa de colocá-los em primeiro plano por meio de procedimento que estabelece um elo, partindo do presente, entre um passado não contado e sua possibilidade de futuro. Nas palavras de Benedito Nunes encontramos “uma compreensão da História, absorvida na pré-História, pelo que diz respeito ao passado, e dirigida a uma transhistória, pelo que diz respeito ao futuro” (NUNES, 2011, p. 39). O crítico vai chamar de “transversal” tal concepção por apresentar uma nova e mais complexa imaginação do tempo e da história. Há o entendimento de que o pensamento de Oswald atravessa diferentes épocas só adquirindo uma unidade quando se enfatiza o presente como tempo decisivo em que uma imagem de passado e uma de futuro entram em contato. Na contramão da cronologia, Oswald se prende a um método fragmentário e associativo de se ler a história.

O que se depreende desse pensamento é uma grande e bela apologia a um Brasil, a um novo homem e um novo mundo que aponta para uma radical mudança de rota nos acontecimentos sociais e artísticos e que tem em vista um espaço pleno para que exerça e se faça valer outros modelos de pensamento e experiência, tudo sempre digerido e filtrado à luz das realidades de Pindorama. “É nossa vez. Nós somos agora o piloto do barco” (ANDRADE, 1990, p. 45).

No entanto, é importante ressaltar a circunstancialidade do sentimento órfico apontado pelo autor.

Evidentemente, o que prevalece tanto aqui como na Índia ou no Sudão ou em Londres é o órfico local. Nesse ponto é preciso parar para fazer compreender



como é justo e lógico que a maioria dos crentes se agregue à paróquia mais perto de sua casa (ANDRADE, 1992a, p. 288).

Nesse ponto reside o que seria o grande problema de tal condição: sua potencialidade de ser explorada por qualquer força, podendo tomar as mais diferentes orientações.

O cristianismo trazia da Judeia um sopro revolucionário que tivera seu ponto de origem no sacrifício de Cristo — mais um messias em revolta contra Roma Imperial — e no sentimento órfico em disponibilidade que foi preenchido pela metafísica pauliniana. [...] O órfico, com a oficialização do cristianismo, superou o fermento revolucionário dos primeiros tempos (ANDRADE, 2011, p. 260-261).

Ou seja, não existe uma manifestação única, nem direção e caminho esperados que possam ser gerados pelo sentimento órfico. O que ocorre é um diagnóstico dessa inexorável dimensão humana que é capaz de carregar em si potencialidades tão diversas, podendo tanto surgir como um motor catalizador de transformações, mobilizador de possíveis, como um mecanismo que visa o arrefecimento da existência em nome de um além-mundo. Pode-se existir uma busca por consolação ou redenção. Pode-se existir uma marcha pra frente na qual sonho e vida entram em contato. Oswald de Andrade derivou sua Antropofagia, sua utopia, a partir de seu sentimento órfico. A direção poderia ter sido outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos em nosso texto apresentar com alguma unidade a noção de sentimento órfico presente no pensamento de Oswald de Andrade e como ela se relaciona com a chamada utopia antropofágica. Nosso autor nos apresenta um pensamento potente. Trata-se de aprender a lidar com a negatividade do mundo em um processo de absorção e transformação. Tudo ocorre através de uma maleabilidade e uma plasticidade que se mostra disposta a se contaminar, distante da anestesia do pavor e à procura por invenções e reinvenções em um constante estado de composição. O que temos é um pensamento de celebração e afirmação da vida. Um pensamento da alegria e libertação. Um pensamento do sim que aponta para a criação de novos mundos ao invés de se estacionar no medo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: _____. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011a. p.138-215.
- _____. A marcha das utopias. In: _____. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011b. p. 200-298.
- _____. Ainda o Matriarcado. In: _____. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011c. p. 304-310.
- _____. Do órfico e mais cogitações. In: _____. Estética e política. São Paulo: *Globo*, 1992a. p.287-291.
- _____. Manifesto Antropófago. In: _____. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011d. p.67-74.
- _____. O antropófago. In: _____. Estética e política. São Paulo: *Globo*, 1992b. p. 233-284.
- _____. Os dentes do dragão. *Globo*: São Paulo, 1990.
- _____. Um aspecto antropofágico da cultura brasileira — um homem cordial. In: _____. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011e. p.216-219.
- _____. Um homem sem profissão. Memórias e confissões. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: *Globo*, 2002.
- BORGES, Fernanda Carlos. A filosofia do jeito: um modo brasileiro de pensar com o corpo. São Paulo: *Blume*, 2006.
- COSTA, Tiago Leite. O perfeito cozinheiro das teorias deste mundo: ensaios de Oswald de Andrade. 2013. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.
- DOMINGUES, Beatriz. Helena. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro. In: DOMINGUES, Beatriz. Helena.; BLASENHEIM, Peter. L. O código Morse: ensaios sobre Richard Morse. Belo Horizonte: *UFMG*, 2010. p.7 6-98.
- HELENA, Lúcia. Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, 1985.
- MONTEIRO, André. O pensamento antropofágico e a experiência da subjetividade. In: NASCIF, Rose Mary Abrão.; LAGE, Veronica Lucy Coutinho. (Orgs.). Literatura, crítica e Cultura IV. Interdisciplinaridade. Juiz de Fora: *Ed UFJF*, 2010. p.117-128.
- NUNES, Benedito. A marcha das utopias. In: _____. Oswald canibal. Perspectiva: São Paulo, 1979. p. 69-77.
- _____. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. A utopia antropofágica. São Paulo: *Globo*, 2011. p.7-56.
- SILVA, Anderson Pires da. Mário e Oswald. Uma história privada do modernismo. Rio de Janeiro: *7letras*, 2009.
- STERZI, Eduardo. A dialética da devoração e devoração da dialética. In: ROCHA, João Cezar de Castro. RUFFINELLI, J. (Orgs.). Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena. São Paulo: *É Realizações*, 2011 p.437-452.

Recebido 20/06/2022

Aprovado em 22/07/2022